

A TERCEIRA MARGEM DO RIO

Que lugar é este?

JOANA MILLIET, PATRÍCIA CORREIA E TERÊNCIO PORTO

O Homem, ao longo de sua evolução, tem sempre procurado um outro lugar. Esta procura aponta uma eterna insatisfação, definida por Freud como o resultado dos nove primeiros meses de vida intra-uterina, de satisfação plena. Teorias psicanalíticas à parte, o fato é que desse instinto humano de procura nasceu uma palavra um tanto fora de moda nos dias de hoje: utopia, do grego *ut topos*, outro lugar. Todos os territórios do globo já são conhecidos, e também a lua. No entanto, a busca continua: a realidade virtual oferece ao Homem, aparentemente, o infinito. Porém, à luz da história da Arte, com olhar desprovido de ingenuidade, a utopia poderia muito bem ser definida como o lugar onde não se está. E a arte sempre foi vista como uma possibilidade de lidar com estas questões; e as vanguardas, como a ousada tentativa de solucioná-las.

O conto *A Terceira Margem do Rio*, de Guimarães Rosa, um marco da literatura brasileira, que inclusive já virou filme e música, olha diretamente para esse outro lugar. Além do renome, há por trás dele uma questão crucial para o gênero humano: como lidar com o transcendental, isto é, com o que foge à compreensão do



Capa do livro *Primeiras Estórias* da Ed. Nova Fronteira. "Terceira Margem: a utopia"

homem, o que a racionalidade é incapaz de apreender, o que está além das margens do rio da consciência. A estória é, como boa parte da obra do escritor, simples. Uma família, com pai, mãe e três filhos, dois homens e uma mulher, vive à beira de um rio. O narrador é um dos filhos. O pai é introspectivo, ao passo que a mãe rege o lar.

Certo dia, o pai manda fazer uma canoa, com espaço apenas para o remador e de madeira especial, que durasse "uns vinte ou trinta anos". Com esta canoa entra no rio, para nunca mais sair. Permaneceu, segundo o filho, "naqueles espaços do rio", só alcançáveis, talvez, às idiosincrasias do pai. Onde "aquilo que não havia, acontecia", um outro lugar, que passa a nortear a vida do narrador, mesmo ele nunca estando lá. Como um cavalo que vê a sua frente uma maçã, sem saber que ela está presa a uma vara de pescar fixada em sua cernelha, ou seja, visível e inatingível.

A família e os conhecidos formularam três justificativas para a atitude do pai, que não se comprovam ao fim da estória: doideira, pagamento de promessa ou alguma "doença feia", que o fizesse desejar ficar "perto e longe de sua família dele." Os palpites alcançaram a outra margem do rio, da qual se confirmou o isolamento do pai, que por lá nunca aportou. Há, então, um indício de redenção: dada sua introspecção, estaria o pai, segundo o filho, "solto solitariamente". Porém, a idéia não é mais tratada pelo narrador, que abandona essa hipótese.

ECLÉTICA

22 - JAN/JUL 2000

Ao leitor, fica evidente que o filho-narrador, apesar de não ser comprovadamente o caçula, é o mais ligado ao pai. A despeito deste nunca mais ter posto o pé “em chão nem capim”, e do resto da família ter se mudado, o filho permanece até à velhice no mesmo lugar, à margem do rio, alimentando seu pai, ainda que parcamente, e dando-lhe roupas. Também afirma que “só com nosso pai me achava”, e acredita que só ele conhece a escuridão, o que lhe possibilitou manter-se oculto numa breve aparição de uma lancha da imprensa. Fala ainda que “de nosso pai não se podia ter esquecimento”. Dada a dimensão do pai para o narrador, o fato é que o outro lugar, a terceira margem do rio, é possível de ser vislumbrada, mas não alcançada, pelo menos não em vida. O mistério permanece insolúvel, e o Homem subordinado a ele.

No desfecho do conto não sobra espaço para qualquer lugar-comum e o outro lugar permanece oculto. O filho registra seu desejo de seguir o caminho do pai, mas pelas mãos dos homens, ao morrer: “me depositem também numa canoinha de nada”.

As vanguardas e a construção de utopias

Saindo de uma história para entrar em outra, seria possível alcançar a Terceira Margem? A busca de alternativas marcou profundamente as manifestações artísticas do século XX. A necessidade do Homem, em sua expressão artística, de romper com o passado, de criar linguagens alternativas, foi sem dúvida a característica mais evidente do modernismo. Um novo século havia começado e a arte já não acompanhava tantas mudanças. Os avanços tecnológicos, as descobertas científicas, as mudanças constantes que sofriam os grandes centros urbanos influenciaram na criação de um novo movimento, alterando tudo que existia no mundo artístico.

É no período entre a eclosão da Primeira (1914-1918) e Segunda (1939-1945) Guerras Mundiais que surgem os movimentos artísticos chamados de vanguarda. O rigor com que assumiam uma ruptura com o passado e exigiam uma eterna renovação caracterizam de modo geral esses movimentos. Pensar a vanguarda é relacionar um período de mudanças radicais assinalado pela estética da ruptura, pelo desvio, onde a novidade é o marco preponderante.

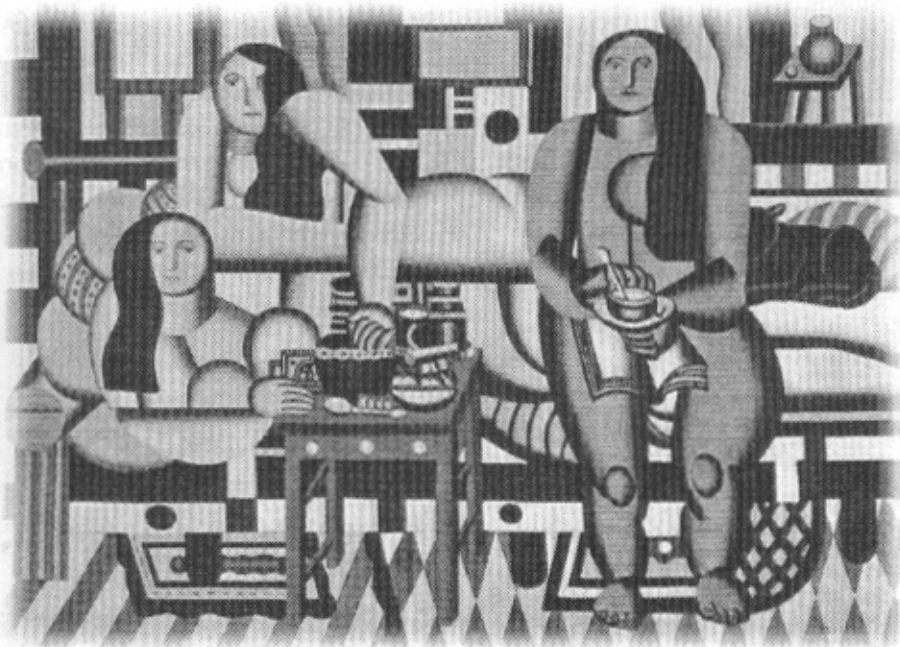
As vanguardas tinham em comum o sentimento de destruição do passado voltando-se para uma projeção ao futuro.

O Futurismo, o Expressionismo, o Cubismo, o Dadaísmo e o Surrealismo foram os principais resultados desta atitude artística e cultural de contestação de um mundo marcado por violenta crise. O que todos esses movimentos tinham em comum era o questionamento dos moldes conservadores da arte que até então predominava.

A crítica à tradição era justificada por uma afirmação do futuro para a construção da utopia. As vanguardas tinham em comum o sentimento de destruição do passado voltando-se para uma projeção ao futuro. Assim o Futurismo, por exemplo, afirma em seu manifesto, assinado pelo poeta italiano Filippo Tommaso Marinetti: “Nós queremos demolir os museus, as bibliotecas...”. Essa necessidade de aniquilar o passado faz parte da utopia futurista assim como o Cubismo nas artes plásticas questionava a pintura Renascentista. Picasso, Fernand Léger, Mondrian entre outros rejeitavam a tridimensionalidade do Renascimento e procuravam um novo modo de representar o mundo.

Mais radical dos movimentos de vanguarda, o Dadaísmo também ressaltava a destruição das formas e valores. Segundo Tristan Tzara, líder do movimento, “Dada não significa nada”. Dessa forma os dadaístas destacavam através de sua arte o caráter lúdico, de *non-sense*. A proposta de criar uma antiarte também é característica do movimento Surrealista. A exploração do inconsciente, do sonho, da loucura era o inverso da arte tradicional, lógica e racional.

Le Grand déjeuner, Fernand Léger
“Modernismo: busca da nova forma”



De um modo geral, as vanguardas tematizavam um mundo em crise. Seja através da agressão à velha ordem dos valores estéticos e culturais, seja através da utopia de um novo mundo, elas propuseram novas linguagens e alternativas tanto nas artes plásticas como na literatura e na arquitetura.

A morte das vanguardas e da utopia

"Deus está morto, Marx também e hoje eu não estou me sentindo muito bem", já disse alguém. Depois de toda a utopia modernista, a queda. Muita especulação em torno das vanguardas, e afinal, o que aconteceu na prática? Nada. Apenas a velha insatisfação freudiana e a vontade de estar em um outro lugar. Mas será que esse outro lugar ainda existe? Será que o modernismo não esgotou todas as possibilidades ao tentar uma nova visão de realidade? O que vamos fazer com o nosso imaginário utópico tão insatisfeito e agora, desiludido?

É exatamente esse tipo de pensamento que ronda o inconsciente coletivo pós-moderno. A desilusão e o mal-estar, que agora não pode se apoiar ou se consolar em utopias porque não acredita mais nelas. É a percepção do caos e também da falta de poder controlador. Há um certo ceticismo e claro muito niilismo.

O fato é que o outro lugar, a terceira margem do rio, é possível de ser vislumbrada, mas não alcançada, pelo menos não em vida.

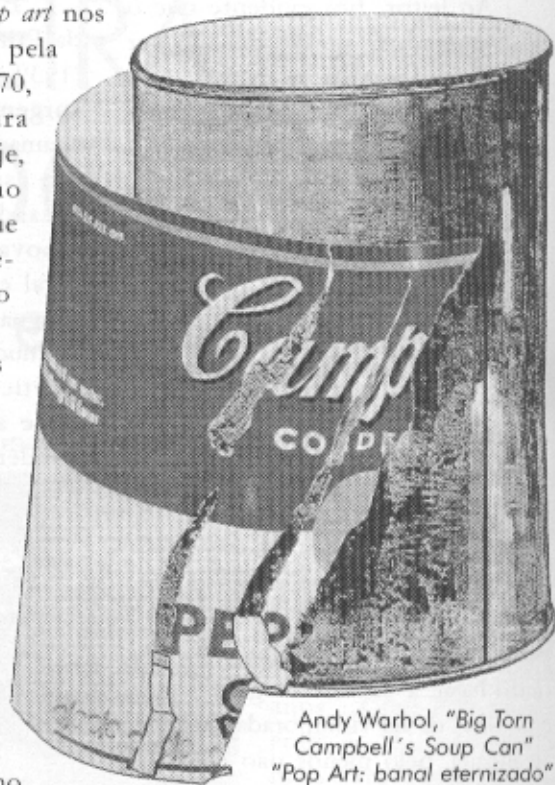
Pós-modernismo é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo (1900-1950). Ele nasce com a arquitetura e a computação nos anos

50. Toma corpo com a *Pop art* nos anos 60. Cresce ao entrar pela filosofia, durante os anos 70, como crítica da cultura ocidental. E amadurece hoje, alastrando-se na moda, no cinema, na música, sem que ninguém saiba se é decadência ou renascimento cultural.

Mortos Deus e os grandes ideais do passado, o Homem moderno revalorizou sua Arte, a História, o Desenvolvimento, a Consciência Social, para se salvar. Dando adeus a essas ilusões, o homem pós-moderno, já sabe que não existe Céu e nem sentido para a História, e assim se entrega ao presente, ao prazer, ao consumo e ao individualismo. E sempre ao niilismo.

Esse niilismo, no entanto, não causa revolta. Não há motivo para a revolta se não se tem esperança de uma coisa melhor. Então sobra mesmo o vazio, a sensação de irrealidade: a apatia. E a ironia. Os modernistas complicaram a arte por levá-la demasiadamente a sério. Os pós-modernistas querem rir levemente de tudo.

Em meados dos anos 50, a sociedade industrial incorporara no design, na moda e nas artes gráficas, o culto do novo, pregado pelas vanguardas. Revistas, luminárias e rótulos de *shampoo* usavam a assimetria, desenhos abstratos. Até papéis de parede eram decorados com motivos modernistas. Era a banalização da arte. A interpretação individual, o hermetismo soavam vazios perante a sociedade de massa. Foi contra o subjetivismo e o hermetismo modernos que surgiu a *Pop art*: primeira bomba pós-moderna. Convertida em antiarte, a arte abandona os museus e é lançada na rua com outra linguagem, assimilável pelo público: signos e objetos de massa. Transforma o banal em arte. E provavelmente ri disso.



Andy Warhol, "Big Torn Campbell's Soup Can"
"Pop Art: banal eternizado"

Os pós-modernistas querem rir levemente de tudo.

Andy Warhol empilha caixas de sabão dentro de uma galeria e diz que é escultura. Roy Lichtenstein repinta em amarelo e vermelho a *Mulher com chapéu florido*, de Picasso. Pop, minimal, conceitual, hiper-realismo, processos, *happenings*, performances, transvanguarda, video-arte, seja qual for o estilo, a antiarte pós-moderna se apóia nos objetos, na matéria, no momento e no riso. Esquece-se do Homem, do espírito, do eterno e do sério. É frívola, pouco crítica e não aponta nenhum futuro. Tende ao niilismo, a zerar a própria arte.

Sem identidade, hierarquias, e com estilos misturados, a pós-modernidade é isto e aquilo. Uma justaposição de vivências pequenas, fragmentadas, pois não se crê em totalidades e grandes valores. Não há como decidir. É o demônio terminal e o anjo anunciador. Na condição pós-moderna, a vida não é um problema a ser resolvido, mas experiências em série para se fazer. ▼